

Daniel Arsham | Zazen

Texto Crítico Ana Roman

Galeria Baró - April 2018

O ato de sentar e permitir o fluxo livre e contínuo de pensamentos recebe, no budismo, o nome de zazen. “Za” significa “sentar” e “zen” refere-se a um estado de concentração profunda. Zazen existe enquanto estado mental, no qual espaço e tempo são suspensos. Em ZAZEN, mostra individual do artista americano Daniel Arsham na Baró Galeria, os trabalhos reunidos propõe uma outra experiência e percepção do fluxo do tempo.

Conhecido por trabalhos situados entre arte e arquitetura, nos quais intervém em nossas impressões sobre o espaço, a poética de Arsham também tange a dimensão temporal. Os trabalhos do artista tensionam a temporalidade na qual se inscreve a arquitetura onde se instalam: suas obras apresentam-se, no momento e espaço contemporâneos, como objetos que tem permanência em uma escala temporal quase geológica. O tempo, para o artista, não parece ter início ou fim absoluto, pois ele é percebido como uma longa duração, que atravessa e suspende a espacialidade.

Dentre os trabalhos que compõe a mostra, destacam-se Ash and Rose Quartz Eroded Televisions e o video Future Relic. Tais trabalhos fazem parte da série Fictional Archeology, no qual o artista se coloca como um arqueólogo do futuro e convida os espectadores a fazerem o mesmo: objetos do presente são recriados como esculturas e expostos como relíquias. Nessa arqueologia ficcional, os artefatos contemporâneos parecem ter sido petrificados, pois são compostos por uma mistura de materiais rochosos, minerais e cimento. Ao contrário do que são hoje, objetos feitos em escala massiva e industrial, marcados pela rápida obsolescência do mundo do consumo, eles assumem um caráter único. Colocamo-nos diante deles como se estivéssemos diante de preciosidades, que resistiram ao tempo e às intempéries, mas que nos fazem rememorar nosso presente.

As obras Blue Gradient Teddy Bear e Blue Gradient Seated Female Figure integram uma instalação semelhante a Blue Garden, site specific realizado no Aterro do Flamengo em 2017, em que Daniel Arsham recria um jardim zen com areia e duas esculturas. Na cultura milenar japonesa, tal jardim é um refúgio para concentração e para o fluxo de energia. As marcas na areia realizadas com um restelo simbolizam, deste modo, o fluxo de água. No jardim de Arsham, a figura de mulher sentada e de um urso de pelúcia também petrificados substituem as tradicionais pedras como elemento decorativos e criam uma situação de simultaneidade entre o universo tradicional, que se estende temporal e espacialmente, e o mundo contemporâneo fugidio e acelerado.

Nos trabalhos que compõem a mostra, Arsham propõe ao espectador a experiência de um tempo que não é concreto - apesar da materialidade dos objetos de suas esculturas e instalações. O tempo, como no budismo, aparece como amplo e cíclico. Ele é, simultaneamente passado, presente e futuro, em um contínuo sem começo, meio e fim.

É numa fração desse longo tempo que o artista insere suas relíquias do presente.

ENGLISH

The act of sitting and allowing a free and continuous flow of thought is called, in Buddhism, zazen. "Za" means "sit" and "zen" refers to a state of deep concentration. Zazen exists as a state of mind, in which space and time are suspended. In ZAZEN, the collection of works proposes another experience of the flow and the perception of time.

Known for works situated between art and architecture, in which our impressions of space are constructed, Arsham's poetics also reaches a temporal dimension. The artist's works tense the temporality in which the installed architecture is inscribed: the works present themselves, in the contemporary moment and space, as objects that have duration in an almost geological temporal scale. For the artist, time, seems to not have neither an absolute beginning nor an absolute end, since it is perceived as a long duration that transverses and suspends spaciality.

We should remark the works Ash and Rose Quartz Eroded Televisions and the video Future Relic. Such works are part of the Fictional Archeology series, in which the artist poses as an archaeologist of the future and



ZAZEN (2017) - DANIEL ARSHAM

invites viewers to do the same: present objects are recreated as sculptures and exhibited as relics. In this fictional archeology, contemporary artifacts appear to have been petrified, because they are composed of a mixture of rocky materials, minerals, and cement. Contrary to what they are today, objects made on a massive and industrial scale, marked by the rapid obsolescence of the world of consumption, they assume a unique character. We stand before them as if we were in the presence of precious things, which have resisted weather and adversities, but which evoke our present.

The works Blue Gradient Teddy Bear and Blue Gradiente Seated Female Figure are part of an installation similar to Blue Garden, a site specific realized in Aterro do Flamengo in 2017, in which Daniel Arsham recreates a zen garden using sand and two sculptures. In the Japanese millenary culture, such a garden is a refuge for concentration and for the flow of energy, such that the marks in the sand made with a rake symbolize the flow of water. In Arsham's garden, the petrified figures of a seated woman and a plush bear replace the traditional stones as decorative elements and create a situation of simultaneity between the traditional universe, which extends temporally and spatially, and the fleeting and accelerated contemporary world .

In works composing the exhibition, Arsham proposes to the spectator the experience of a non-concrete time - despite the materiality of the objects of his sculptures and installations. Time, as in Buddhism, appears as circular, and concomitantly, as simultaneous, such that the relation between past, present, and future is made impossible, and the present becomes also a relic.